



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS DOIS  
LADOS DA MOEDA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Maria da Conceição Gomes de Miranda

JOÃO PESSOA PB  
JUNHO-2018

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS DOIS  
LADOS DA MOEDA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria da Conceição Gomes de Miranda

JOÃO PESSOA PB  
JUNHO-2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586a Silva, Maria Das Gracas da.

ACESSO E PERMANENCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
Os dois lados da Moeda / Maria Das Gracas da Silva. -  
João Pessoa, 2018.  
50 f.

Orientação: Maria da Conceição Gomes de Miranda.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Acesso a Educação.  
3. Evasão Escolar. I. Miranda, Maria da Conceição Gomes  
de. II. Título.

UFPB/BC


MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS  
DOIS LADOS DA MOEDA

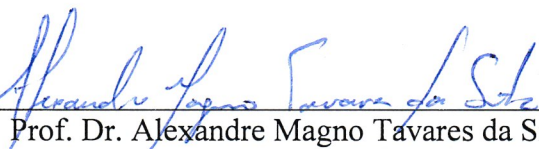
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 14 / 06 / 2018

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Gomes de Miranda (DME/UEPB)  
(Orientadora)

  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Quezia Vila Flor Furtado (DME/UEPB)

  
Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva (DME/UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a divindade celestial que permitiu entrar nesta instituição, pois Ele sabia do desejo que eu tinha em meu coração de estudar na Universidade Federal da Paraíba e graças eu dou a Deus por tudo que concebeu na minha vida, pela saúde, pela persistência, mesmo em meio as dificuldades, eu não desisti e cheguei até aqui, pois Deus sempre esteve comigo, portanto, sou grata por tudo.

Aos meus pais, João e Luiza que sempre lutaram por mim, mesmo não tendo instrução nenhuma, me colocaram na escola e sempre falaram para mim da importância de estudar e se formar, por isso sou grata a Deus por permitir que meus pais presenciem, eu recebendo meu diploma.

A meu esposo Marcos e minha filha Giovanna, pela paciência do dia a dia, por estar sempre do meu lado, me dando força para prosseguir e não desistir do meu sonho.

As minhas amigas, o “quinteto” de estudos: Lúcia, Laiane, Patrícia e Rosinete que estiveram comigo desde primeiro período, fazendo todos os trabalhos acadêmicos, por todas as lutas que passamos juntas, agradeço aqui suas companhias, que Deus conceda graça e paz na vida de cada uma de vocês.

Aos meus patrões Sr João e D. Maria, que me favoreceram horários flexíveis na empresa para poder sair para universidade, sou agradecida, pois com a ajuda dos mesmos, consegui chegar até aqui. Muito obrigada!

A minha orientadora a Professora Conceição Miranda, pela paciência de me ensinar, ajudar e sempre se mostrar solícita aos meus chamados, sou grata por tudo, fica aqui meus agradecimentos.

Agradeço desde já, a banca examinadora composta pelos professores dessa instituição Quezia Flor e Alexandre Magno, agradeço por participar desse momento único que estar me proporcionando muita emoção.

Agradeço também a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, pois se eu for fazer uma análise do primeiro dia até os dias atuais, posso dizer que

aprendi muito, não sou a mesma pessoa, em nível de conhecimento intelecto, obrigada a todos por me ajudarem nesse processo formativo.

Enfim, agradeço a todos que diretamente ou indiretamente estiveram comigo nesta empreitada, fica aqui minha satisfação de estar me formando e graças eu dou a Deus por realizar esse sonho que tanto almejei.

Maria das Graças da Silva

## **LISTA DE SIGLAS**

EJA - Educação de Jovens e Adultos

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNER - Campanha Nacional de Educação Rural

CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

MCP - Movimento de Cultura Popular

MEB - Movimento de Educação de Base

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EJA: Como podemos compreender suas políticas públicas? .....</b>	<b>13</b>
<b>3 EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) .....</b>	<b>17</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
4.1 COMO SE DESENVOLVEU A PESQUISA DE CAMPO .....	21
4.2 CONHECENDO O LOCAL E OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	24
<b>5. ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): OS DOIS LADOS DA MOEDA.....</b>	<b>26</b>
5.1 MEMÓRIAS SOBRE A ESCOLA AINDA NA INFÂNCIA.....	26
5.2 ANOS QUE OS ENTREVISTADOS JÁ ESTUDAM NA EJA .....	30
5.3 A IMPORTÂNCIA DE TER A OPORTUNIDADE DE ESTAR EM SALA NOVAMENTE .....	31
5.4 OS PLANOS PARA QUANDO CONCLUIR OS ESTUDOS NA EJA.....	35
5.5 SOBRE A DESISTÊNCIA DA EJA NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS (2016 E 2017) E O RETORNO A ESCOLA EM 2018 .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNCIDE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO A –T ERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE... 50</b>	

SILVA, MARIA DAS GRAÇAS. ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS DOIS LADOS DA MOEDA. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia. Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar os motivos que contribuíram para que Jovens e Adultos mesmo com o acesso garantido a essa modalidade de educação não permanecessem na escola e conseqüentemente não concluíssem seus estudos, ou seja, se evadissem. Para composição dos fundamentos teóricos utilizamos Duarte (2017), Ventura (2000), Ens e Ribas (2012), Gil (2006), Freire (2001), dentre outros autores, os quais discutem em seus estudos as especificidades, como a formação dos sujeitos de Educação de Jovens e Adultos e a metodologia de pesquisa em educação. Para responder ao problema de pesquisa: Quais os motivos que levaram jovens e adultos a não permanecerem na escola, não cumprindo seus estudos, mesmo tendo acesso garantido a esta modalidade de educação? Realizamos uma investigação de natureza qualitativa, elegendo como instrumento de coleta de dados, a entrevista qualitativa que subsidiou a obtenção dos resultados, e o tratamento dos dados se deu a partir da análise baseada em André e Ludke (1986). Os sujeitos da pesquisa foram 08 (oito) alunos de uma escola municipal da cidade de Bayeux/PB, dos ciclos I e II, com faixa etária entre 33 a 58 anos. Com os resultados da pesquisa obtivemos mediante os depoimentos dos alunos da EJA, o cansaço físico devido a jornada de trabalho diária, desinteresse pela escola, desmotivação, problemas familiares e saúde que contribuem para a sua não permanência na escola, e de outro lado, o interesse em aprender uma língua estrangeira, melhorar as possibilidades de ascensão no mundo do trabalho, aquisição da leitura para ter acesso aos escritos bíblicos, dentre outros, como motivos para retornar aos estudos mesmo diante das dificuldades do cotidiano. Consideramos que esta pesquisa contribuirá para aprofundar as discussões no tratamento das questões de evasão escolar e de processo de escolarização desses sujeitos que cotidianamente convivem e/ou conviveram com as situações de exclusão e de fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Acesso a Educação. Evasão Escolar.

SILVA, MARIA DAS GRAÇAS. ACCESS AND PERMANENCE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: THE TWO SIDES OF THE CURRENCY. Work of Completion of Course (TCC) in Pedagogy. Education Center. Federal University of Paraíba, 2018.

### **ABSTRACT**

This study had as objective to analyze the reasons that contributed so that Young and Adults, even with the guaranteed access to this modality of education, did not remain in the school and consequently did not finish their studies, that is, if they evaded. For the composition of the theoretical foundations we use Duarte (2017), Ventura (2000), Ens e Ribas (2012), Gil (2006) and Freire (2001) among others, who discuss in their studies specificities, such as subjects of Youth and Adult Education and the research methodology in education. To answer the research question: What are the reasons that led young people and adults not to remain in school, not fulfilling their studies, even having guaranteed access to this type of education? We conducted a qualitative research, choosing as a data collection instrument, the qualitative interview that subsidized the results, and the data treatment was based on the analysis based on André and Ludke (1986). The subjects of the research were 08 (eight) students from a municipal school in the city of Bayeux / PB, cycles I and II, with ages ranging from 33 to 58 years. With the results of the research we obtained through the testimonies of the students of the EJA, the physical fatigue due to the daily work day, disinterest in the school, demotivation, family problems and health that contribute to their non-permanence in school, and on the other hand, the interest in learning a foreign language, improving the possibilities of ascension in the world of work, acquisition of reading to have access to biblical writings, among others, as reasons to return to studies even in the face of everyday difficulties. We believe that this research will contribute to deepen the discussions in the treatment of the issues of school dropout and the process of schooling of those subjects that live together and / or lived with situations of exclusion and failure at school.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Access to Education. School Evasion.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso buscou responder a seguinte questão de pesquisa: Quais os motivos que levaram jovens e adultos a não permanecerem na escola, não cumprindo seus estudos, mesmo tendo acesso garantido a esta modalidade de educação?

Desta forma, os objetivos constituídos para a pesquisa foram: Analisar os motivos que contribuíram para que Jovens e Adultos mesmo com o acesso garantido a essa modalidade de educação não permanecem na escola e conseqüentemente não concluem seus estudos; A) Realizar levantamento de dados sobre o número de alunos Jovens e Adultos que tenham se evadido com freqüência nos dois últimos anos (2016-2017); B) Elaborar roteiro de entrevista a ser aplicado com Jovens e Adultos que se evadiram da EJA nos últimos dois anos; C) Por fim, Identificar os motivos da evasão de Jovens e Adultos nesta modalidade de educação.

A escolha da temática se deu a partir da inquietação sobre o acesso garantido a EJA, verificando a permanência dos sujeitos na escola, baseando-se nas aulas teóricas em Educação de Jovens e Adultos e Estágio Supervisionado na área de aprofundamento EJA, estes componentes curriculares despertaram o interesse em pesquisar sobre o porquê a modalidade EJA, tem o acesso e a permanência não é eficaz.

Na qualidade de estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia julgo, importante discutir sobre as questões que afetam o funcionamento da Educação de Jovens e Adultos, enquanto modalidade pois, a mesma assegura o Direito de retornarem a escola, uma vez que na idade dita não conseguiram permanecer na escola e nem concluir seus estudos por diversos motivos, ocasionando assim o fenômeno da evasão.

Sendo assim, os jovens e adultos retornam a escola com motivações diferentes, seja para ter acesso ao mundo trabalho, seja para ler a bíblia, entre tantas outras, e mais uma vez se vem experimentando novas situações de evasão.

A modalidade sofre com a evasão escolar, e percebe-se que muitos dos que procuram, estão desmotivados e não se alfabetizaram na idade dita, portanto vem de um ensino regular em situação de analfabetismo.

Partindo da problemática de pesquisa trazemos reflexões sobre a questão da modalidade EJA enquanto um Direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9394/1996, em seu Artigo 38, buscando assim compreender questões que envolvem as políticas públicas de educação, e mais especificamente a que atende jovens e adultos.

A seguir apresentaremos a estrutura deste trabalho, o qual está dividido em três partes: A primeira trata do referencial teórico, o qual foi sistematizado a partir de leituras de artigos de periódicos para fundamentar as discussões sobre educação de jovens e adultos, políticas públicas de educação para esta modalidade e evasão escolar.

Na segunda parte nos debruçaremos sobre a metodologia utilizada para realização do trabalho de pesquisa, apresentando os tipos de pesquisa e de análise de dados, bem como técnica de coleta de dados.

No que se refere a terceira parte do trabalho de conclusão de curso, trataremos sobre os resultados e análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo, a qual foi fundamental para compreender os fenômenos do acesso e não permanência dos sujeitos na Educação de Jovens e Adultos.

Enfim, o trabalho tratou de responder a problemática de pesquisa aqui apresentada a partir dos resultados expressados pelos sujeitos de pesquisa. Pensamos que esta pesquisa tratará de responder questões do cotidiano desses, como as desmotivações, o que levam estes a se afastar da escola e dentre outros fatores, como exclusão social e conseqüentemente o analfabetismo.

## **2 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EJA: Como podemos compreender suas políticas públicas?**

Partindo do contexto que envolve a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o acesso a essa modalidade é realidade garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação N° 9394/1996, em seu Artigo 38 da Educação, porém se têm números significativos de desistência.

Com base nos números obtidos na pesquisa de campo, 30%<sup>1</sup> desses indivíduos acabam desistindo do ano, o que deixam inquietos os profissionais da educação que lidam diretamente com as questões pedagógicas da escola. Mas o que causa essa não permanência? Porque todo ano os mesmos se matriculam e desistem antes do primeiro semestre?

Ens e Ribas (2012) desenvolveram uma pesquisa em que buscaram compreender os diversos problemas que envolvem esses jovens e adultos a desistirem de estudar. A pesquisa identificou alguns problemas como: Atribuição do fracasso escolar a questões políticas, econômicas, sociais, a evasão escolar e as políticas educacionais.

No tocante as políticas educacionais, estas tem buscado a partir da década de 1990 melhorar a oferta de ensino para a EJA defendendo uma educação boa e de qualidade, mas verificam-se dificuldades enfrentadas por esses jovens e adultos para garantir sua permanência.

Tais dificuldades podem ser atribuídas ao cotidiano do mundo do trabalho, horários não flexíveis e dentre outros, tornando isso motivos para aumento da evasão nesta modalidade.

Portanto, na modalidade de EJA tem crescido o número de matrículas e de outro lado, aumentado o número de desistências, elevando as desmotivações de alunos jovens e adultos com dificuldade de conciliar estudos e trabalho. E com o intuito de que esses alunos se mantenham na escola, as políticas educacionais criam novas oportunidades, como diz Ens e Ribas (2012, p. 02):

Nesse contexto, a oferta desta modalidade de ensino aumenta, surgem novos programas de incentivo para os alunos buscarem a escolarização, mas mesmo assim os resultados não têm sido satisfatórios para os órgãos competentes, pois ainda existe uma grande evasão escolar desses educandos.

---

<sup>1</sup> Dados da secretaria da Escola/campo/pesquisa em Bayeux/PB.

Diante do exposto, nos inquietamos sobre a questão do acesso garantido, porém a não permanência destes alunos na modalidade EJA que é um fator preocupante que tem sido manifestado mediante a ineficiência dos programas de incentivos para a escolarização que não conseguem atender os objetivos e metas para garantia da permanência dos alunos nesta modalidade de educação.

Tal questão nos remete as reflexões sobre as políticas públicas de educação, bem como EJA que de acordo com Ventura (2000), estas apenas se tornaram efetivas a partir da necessidade de implantação da mão de obra qualificada na década de 1930 no Brasil.

Observando para tanto, a Constituição de 1934 é “dever do Estado garantir o ensino primário, integral, gratuito e frequência obrigatória, inclusive para os adultos”, conforme o Art. 150.<sup>2</sup> Esse dever passa a ser obrigatório devido as exigências do profissional qualificado para melhor atender as necessidades que o país naquela época estava passando porque até então não se tinham interesse na esfera educacional.

A partir da década de 1940, começa a pensar em uma educação para todos os jovens e adultos analfabetos do país, conforme Beiseigel (1982). Essa ideia se propagou em muitos países após a II Guerra Mundial com incentivos principalmente da Organização das Nações Unidas (ONU). Foi quando surgiram os primeiros programas educativos nacionais para coibir o analfabetismo naquela época. Com o intuito de preparar trabalhadores para a vida urbano industrial.

Com o objetivo de formar os trabalhadores no Brasil, surgiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o primeiro programa de educação para os adultos analfabetos, seguindo com a criação da Lei Orgânica do Ensino Industrial Nº 4.073, de 30 de janeiro, de 1942 para garantir a educação desses indivíduos com vistas a atender as necessidades das indústrias daquela época, conforme Ventura (2000, p. 04):

[...] preocupada em atender às necessidades mais imediatas das indústrias, propunha cursos profissionalizantes isolados, vinculados diretamente a este Ministério; pretendia, também repassar os custos aos indústrias, enquanto que o Ministério da Educação defendia a criação de um órgão burocrático federal para controlar o sistema de ensino profissional em todo o País.

Mediante a proposta, pode-se perceber o “interesse” por parte do governo, que era justamente formar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, pois se tinha como plano de fundo o desenvolvimento industrial.

---

<sup>2</sup> Constituição Federal de 1934, **Art 150** - Compete à União: **Parágrafo único** - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas:

a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos;

Entretanto, no final dos anos 1940 e início dos 1960, ocorreram as campanhas de alfabetização em massa que foram elas: Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) e a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER).

De acordo com Ventura (2000) o objetivo dessas campanhas foram levar a educação de base aos brasileiros iletrados das cidades para as zonas rurais.

Na prática, as campanhas tinham como objetivo alfabetizar os adultos que não tiveram o acesso a educação escolar num período de três meses, e o curso primário em dois períodos de sete meses. Após, os julgavam aptos para atender o mercado de trabalho, porém o conhecimento era fragmentado, considerando o tempo curto para se alfabetizar.

Entretanto, a CEAA e CNER previam melhorias no ensino primário fundamental ofertado pelas campanhas.

Entre os anos 1958 e 1963 foram colocadas em prática ações da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), destinada a um público de diferentes faixas etárias que visava justamente combater o analfabetismo na população brasileira.

Em meados da década de 1960, surgiu a Cruzada ABC (Ação Básica Cristã) que visava substituir os movimentos da educação e cultura popular. Entretanto, este movimento das cruzadas durou apenas alguns anos e foi então substituído pelo Mobral.

Vale ressaltar que as campanhas foram extintas na década de 1963, sob fortes críticas de fracasso, pois os conteúdos pedagógicos não atendiam o mínimo para a população, porém conforme Paiva (1990) *apud* Ventura (2000, p.10):

Se a precariedade dos resultados das campanhas é evidente, seu funcionamento simultâneo com os mecanismos então criados para ampliação das oportunidades de educação primária parece, no entanto, ter contribuído para reduzir os índices de analfabetismo. Esses índices, que apresentam uma tendência histórica a se reduzir, caem mais rapidamente nas décadas em que se localizaram as campanhas: passam de 55% em 1940 para 49,3% em 1950 e para 39.5% em 1960, considerando-se a população de 15 anos e mais, apesar do elevado crescimento populacional.

Os resultados obtidos com as campanhas não foram satisfatórios, porém houveram números significativos como mostram os índices levantados naquela época. Vale ressaltar também que houve um crescimento populacional, aumentando o número de analfabetos naquele período.

Na década de 1960 também surgiram alguns movimentos educacionais com o intuito de ampliar a alfabetização dos adultos, em destaques alguns como: Movimento de Cultura Popular (MCP) organizado pela Prefeitura de Recife e Movimento de Educação de Base

(MEB), que ficou sob a liderança de Bispos do Brasil.<sup>3</sup> E como também se inicia a Campanha De Pé no Chão se Aprende a Ler, desenvolvida pela Secretaria de Natal/RN e MOBREAL ganham destaque para o âmbito educacional de jovens e adultos naquela época.

As campanhas objetivavam a ampliação imediata de extensão das oportunidades educacionais para toda população daquela região segundo Ventura (2000).

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) é um exemplo de programa de aceleração escolar criado pela Lei Nº 5.379, de 15 de dezembro, de 1967, no qual a educação era destinada ao público jovem e adulto. Este tinha por objetivo uma formação básica, que compreendia ler e escrever. O Programa obteve em seus primeiros quatro anos de vida uma redução de 5% a 10% no índice de analfabetismo no Brasil (COELHO, 2011).

Durante esta época Paulo Freire e sua equipe no Movimento de Cultura Popular, ganharam relevância com as experiências de alfabetização de adultos, pois se fazia a diferencia, pela forma que se aplicava a metodologia utilizada por Freire.

Além desse, criou também o governo alguns programas como exemplo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, (MOBRAL) e assim se perpetuou durante a Ditadura Militar. Porém, em 1971 a Lei 5.692/1971, Lei de Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, incluiu o ensino supletivo para alfabetizar jovens e adultos naquela época.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) sua proposta foi erradicar o analfabetismo no Brasil com pensamentos voltados para uma educação tecnicista, ou seja, visão contrária a perspectiva de educação freireana.

A educação em Freire seria a base para erradicar toda e qualquer ignorância daquele povo da época, pois “a partir de então, uma nova visão pedagógica foi surgindo, voltada para a alfabetização de adultos [...]” (ENS e RIBAS, 2012, p. 03). Portanto, assim se consolidaria um povo alfabetizado e politizado, entretanto, os governantes não apoiavam muito essas ideias porque sabiam que povo educado e politizado sabia de seus direitos e deveres.

Durante muitos anos a oferta de escolarização para aqueles que não tiveram acesso a escolarização na idade apropriada não existia, pois o governo na década de 1950 e 1960 e assim por diante não tinha muito interesse nesse assunto, porém Paulo Freire incentivou e colocou em prática alfabetização de adultos com 40 horas em Angico/ RN, o mesmo alfabetizou muitos adultos naquela época.

Sobre o acesso ao ensino obrigatório e gratuito como direito público é posto no art. 208, da 1º Constituição Federal de 1988. “A LDB, assegura aos jovens e adultos, conforme

---

<sup>3</sup> Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB)

preconiza no art, 37” (DUARTE, p. 02, 2017). Só após, a Lei que a Educação de Jovens e Adultos passa ser um ensino obrigatório e gratuito, assim como as demais modalidades de ensino.

A constituição de 1988 declara que a educação, é um direito de todos e dever do Estado e da família. Portanto, “a atual Constituição destaca-se, também, pelo fato de atribuir a educação o papel de instrumento qualificador do trabalho e de preparo para o exercício da cidadania” (VENTURA, 2000, p. 16).

Isto é, a educação é a base para garantir uma qualificação profissional, atendendo as exigências do mercado de trabalho que se perpetua até nos dias atuais.

A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de educação foi então implementada na década de 1990 com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/1996, sancionada em 20 de dezembro de 1996.

### **3 EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Partindo da inquietação sobre o acesso e permanência, sabemos que há alguns fatores que contribuem para a evasão na modalidade EJA com base em estudos já realizados por Ens e Ribas (2012) e Duarte (2017).

Com intuito de entender a evasão escolar, a pesquisa realizada por Ens e Ribas (2012) apontou como motivos para esses alunos iniciarem e não dar continuidade aos seus estudos os seguintes: inflexibilidade de horários porque muitos são trabalhadores, estão fadigados, se deparam com uma aula monótona, sem incentivos, e então muitos destes desistem.

Desta forma, tais dados revelam a importância de se repensar o próprio sentido da formação docente para atuar na Educação de Jovens e Adultos e também as práticas pedagógicas pois, se faz necessário “reconhecer que esses jovens têm capacidades individuais e criativas, é uma importante iniciativa para fazer com que permaneçam na escola” (ENS, RIBAS, 2012, p. 02).

Ou seja, acreditar que os alunos da EJA são capazes e que têm aptidões tanto quanto os alunos do ensino fundamental na idade apropriada é um dos pontos para se trabalhar e desenvolver a capacidade intelectual dos indivíduos, buscando o docente melhorar a oferta das aulas, sendo mais dinâmicas e que ative o interesse desses, como citam Ens e Ribas (2012, p.02):

É preciso ouvir, conhecer o educando, sua história, sua realidade para que possam construir outra realidade escolar, desmistificando ideais preconcebidas que julgam esses alunos fracassados. Isso é o que a sociedade vem fazendo ao longo dos anos, rotulando esses alunos que não conseguiram concluir seus estudos nos padrões definidos pela escola regular.

Percebe-se que a cada ano as escolas em todo o país recebem um contingente cada vez maior em relação a jovens e adultos, mas o que se oferece a esses alunos para que os mesmos se firmem na escola? Sabemos que as políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos teve uma ressignificação, devido o crescimento econômico do país, entretanto, na prática não é feito muita coisa, aumentando gradativamente a evasão nessa modalidade.

Muitos desses jovens e adultos desistem por falta de incentivos, por meio do próprio setor público que não oferece condições para que os mesmos concluam seus estudos, como: falta de professores, livros didáticos voltados para modalidade e dentre outros fatores.

A seguir, com base num levantamento de dados de Duarte (2017), a mesma relata a experiência pedagógica numa escola pública municipal em João Pessoa/PB, destacando a importância de considerar o indivíduo como produto do meio social e como isso interfere no desenvolvimento do aluno, considerando-o enquanto ingressante da EJA, fora do tradicional, ou seja, semi analfabeto e muitos analfabetos, e o quanto isso reflete a permanência dos mesmos em sala de aula.

Duarte (2017) lecionou no ciclo I da EJA numa escola municipal na cidade de João Pessoa, PB, despertou o interesse pela referida modalidade porque sentiu a necessidade de trabalhar com aqueles que não tiveram acesso a educação básica na idade dita. Sobre a permanência desses jovens e adultos na modalidade EJA.

É preciso o entendimento de que só as atividades-meio não são suficientes para dar sustentação às práticas de EJA no âmbito das escolas. Precisamos de investimentos em formação que permitam aos gestores públicos e escolares e aos educadores entenderem os fins da educação de jovens e adultos. (DUARTE, 2017, p. 04).

Ou seja, Duarte (2017) discorre sobre a importância de considerar os investimentos em cursos de formação para os educadores para melhor atender a modalidade.

A mesma relata também sobre a carga horária que não condiz com a realidade desses jovens e adultos que muitos deles são trabalhadores e vem do trabalho. Outro ponto é como se forma as práticas pedagógicas dessa modalidade. Faz-se, necessário sondar o perfil desses

alunos e elaborar um plano didático para os mesmos, voltado para atender as necessidades dos mesmos, no que tange a educação.

Sabemos também que um dos fatores que contribuem para o fracasso escolar e a evasão dos alunos EJA é o exercício de profissionalização, pois muitos deles deixaram de estudar na idade dita porque tiveram que abandonar os estudos para trabalhar e ajudar na renda familiar. Como ressaltam Machado e Paludo (2014):

O trabalho –, ou melhor, o mundo do trabalho – está sempre presente. É dele que emanaram as grandes questões tratadas em aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), também os grandes conflitos e contradições, assim como as lembranças das reivindicações, as propostas de qualificação técnica, a exigência do avanço no conhecimento que possibilita a qualificação das propostas e processos. (MACHADO, PALUDO, 2014, p. 145)

É cobrado desses indivíduos o quê o sistema não oferece, ou seja, desde cedo muitos deixam a escola e vão trabalhar precocemente, não tiveram a oportunidade de estudar na idade regular e quando chega um determinado tempo, o mercado de trabalho exige uma qualificação, é quando muitos voltam à sala de aula, mas já cansados e sem ânimos porque já trabalharam o dia todo e ter que enfrentar uma sala de aula, tradicionalmente de “quadro e giz”.

Como o ponto crucial da Educação de Jovens e Adultos é garantir o Direito de alfabetizar indivíduos que não tiveram acesso a escola quando criança, como também aqueles que não desistiram da escola ainda na modalidade regular. A EJA traz a oportunidade destes, voltar a estudar e terminar seus estudos.

Para tal, o educador deve se colocar como um incentivador desses sujeitos, proporcionando-os a satisfação de os mesmos escreverem o próprio nome, ler e escrever, valorizando a partir do diálogo suas histórias de vida marcadas por superações, bem como enfrentamentos no cotidiano, conforme Gadotti (1996, p. 146)

Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e, por isso, também é portador de um saber.

O sujeito na EJA precisa ser incentivado para continuar em sala de aula, e o educador deve se preocupar com o percurso formativo do aluno, ajudando-lhe e passando segurança no dia a dia na escola.

A evasão escolar está ligada a desmotivação, ou seja, muitos desses indivíduos deixam de ir por falta de incentivos e cabe a nós educadores traçar um perfil diferente e mantê-los na escola, esse é o desafio, contudo, esses sujeitos precisam ser reinseridos na sociedade e cabe a escola proporcionar esse acesso e permanência.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 COMO SE DESENVOLVEU A PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa teve como Campo a Escola Municipal de Ensino Fundamental que atende a modalidade EJA, no município de Bayeux/PB, que se debruçou sobre uma inquietação que tange o acesso e permanência na escola em relação aos ingressantes Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando que o acesso é um direito garantido pela Lei 9394/96.

Para iniciar a pesquisa, realizamos uma busca dos dados sobre os alunos desistentes. Para tanto solicitamos junto a secretaria da escola, um levantamento desses alunos nos últimos dois anos (2016 e 2017).

De posse desses números, buscamos identificar aqueles que retornaram a escola no ano de 2018 para então realizarmos o contato e assim contar com a participação deles enquanto sujeitos de pesquisa. Fomos a procura afim de convidá-los à participarem da entrevista que mediante os resultados, ao longo deste trabalho iremos discutir e encontrar possíveis respostas para esclarecer os motivos desses alunos ingressantes à modalidade EJA se evadirem da escola.

A pesquisa mencionada é do tipo qualitativa, onde o problema investigado se pautou por analisar os motivos que contribuíram para que jovens e adultos, mesmo tendo assegurado o acesso na modalidade EJA não permanecem na escola.

A abordagem qualitativa se classifica em três diferentes possibilidades de realizar pesquisa: a pesquisa documental e a etnografia, segundo Godoy (1995).

Porém, aqui destacamos segundo Godoy (1995, p.01) que a abordagem qualitativa trata

[...] o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

O presente estudo a partir da abordagem qualitativa possibilitou responder às questões levantadas, considerando as situações adversas que surgiram no decorrer do trabalho de campo, tais como: divergências, conflitos e outras situações, considerando que aqui temos um estudo de caso realizado com 08 (oito) sujeitos da EJA.

A técnica de coleta de dados: a entrevista foi realizada com alunos dos ciclos I e II, ingressantes na modalidade EJA, ou seja, a entrevista foi do tipo semi estruturada, isto é, as perguntas seguiram um roteiro no intuito de elucidar a inquietação e que se deu através de auxílio de um gravador, mediante a permissão do indivíduo munido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente assinado pelo entrevistado.

A coleta de dados através da técnica de entrevista foi de suma importância para esclarecer as inquietações e entender os motivos dos alunos se evadirem, mesmo tendo o acesso garantido, conforme a LDB 9394/96, pois

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista . Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas . RICHARDSON (1999, p 207).

Ainda se tratando da relevância da técnica de coleta de dados ao que se refere à entrevista, alguns conceitos remetem ao termo entrevista, como a coleta de dados mais precisa, porém se faz necessário outras fontes, como: pesquisa em livros, na internet, revistas e dentre outras. Como se deleita Ribeiro (2008, p.141) a tratar a entrevista:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Portanto, a entrevista foi um instrumento essencial para obter resultados mais precisos, considerando suas vantagens para obter as respostas dos entrevistados, pois o pesquisador nesse momento deve estar disponível à escutar.

A entrevista enquanto técnica de coleta de dados tem suas vantagens, mas também têm suas limitações conforme Gil (1999, p.118), entre elas, temos:

a) a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas; b) a inadequada compreensão do significado das perguntas; c) o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes; d) inabilidade, ou mesmo incapacidade, do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos; e) a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado; f) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

Ou seja, são vários os empecilhos para que uma entrevista não se tenha resultados precisos. É necessário cautela do pesquisador, conhecimento prévio para aplicar uma entrevista objetiva para obter o resultado desejado. Rosa e Arnoldi (2006, p. 81), alertam:

Todo pesquisador/entrevistador, antes da iniciação no árduo trabalho de coleta de dados por intermédio da entrevista, deve questionar-se sobre os seus conhecimentos científicos, seu pleno saber sobre o tema em estudo, suas habilidades emocionais e físicas como entrevistador, sua capacidade de arguição e intervenção, e sua prontidão no preparo de questões imprevisíveis e no momento adequado.

Vale salientar que essas dicas devem considerar os conhecimentos já adquiridos e também saber quem vai entrevistar, se a pessoa sabe do que se trata, explicar do que se trata com brevidade, isto é, ter uma conversa antes da entrevista com a pessoa a ser entrevistada.

O trabalho teve como roteiro de entrevista as seguintes questões: 1) Memórias sobre a escola ainda na infância; 2) Anos que os entrevistados já estudam na EJA; 3) A importância de ter a oportunidade de estar em sala novamente; 4) Os planos para quando concluir os estudos na EJA e 5) Sobre a desistência da EJA nos últimos dois anos (2016 e 2017) e o retorno a escola em 2018.

As questões de entrevista foram apresentadas aos entrevistados de maneira a assegurar o sigilo de suas identidades, esclarecendo-os que a entrevista não se realizaria sem seu consentimento, ou seja, a pessoa tem que estar informada da finalidade de sua participação na pesquisa.

Segundo Gil (1999, p.1982) algumas regras gerais referentes à elaboração do roteiro são importantes tais como:

- a) As instruções para o entrevistador devem ser elaboradas com clareza.
- b) As questões devem ser elaboradas de forma a possibilitar que sua leitura pelo entrevistador e entendimento pelo entrevistado ocorram sem maiores dificuldades.
- c) Questões potencialmente ameaçadoras devem ser elaboradas de forma a permitir que o entrevistado responda sem constrangimentos.
- d) Questões abertas devem ser evitadas. Quando são elaboradas questões deste tipo, o entrevistador deve anotar as respostas.
- e) As questões devem ser ordenadas de maneira a favorecer o rápido engajamento do respondente na entrevista, bem como a manutenção do seu interesse.

As orientações são importantes para iniciação da entrevista, pois irão auxiliar para quem não têm experiências no processo de entrevistas.

Gil (1999) orienta para uma entrevista construtiva e que ambas as partes se satisfaçam, de forma que o entrevistado sinta que contribuiu para sanar as dúvidas e o entrevistador consiga os pontos-chaves para iniciar sua pesquisa com base nas informações obtidas na entrevista realizada.

O tipo de análise foi a qualitativa selecionada para este trabalho de pesquisa pois, orientou a analisar as respostas dos entrevistados, como ressalta Vergara (2007, p.01) “as análises qualitativas são exploratórias, ou seja, visa extrair dos entrevistados seus pensamentos que foram livremente ditos sobre algum tema, objeto ou conceito.”

Para tanto, André e Lüdke (1986, p.45) apontam que “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” .

O trabalho de análise foi possível a partir da categorização dos dados coletados que segundo Gil (2006, p.134),

A categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Isso requer a construção de um conjunto de categorias descritas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa.

Sendo assim, as categorias destacadas nas falas dos entrevistados fizeram referência a: Memórias sobre a escola ainda na infância; Anos que os entrevistados já estudam na EJA; A importância de ter a oportunidade de estar em sala novamente; Os planos para quando concluir os estudos na EJA e Sobre a desistência do ano letivo nos últimos dois anos (2016 e 2017) e o retorno a escola no ano em vigência 2018.

Após a categorização dos dados nos debruçamos sobre as análises das entrevistas, momento em que realizamos o diálogo entre a literatura e as falas dos sujeitos de pesquisa, o que foi destacado por eles durante as entrevistas.

## 4.2 CONHECENDO O LOCAL E OS SUJEITOS DA PESQUISA

A coleta de dados se deu numa escola municipal de ensino fundamental, localizada na cidade de Bayeux/PB, a escola atende a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) apenas durante o período noturno, nos ciclos I, II, III e IV.

A referida escola é bem estruturada, com salas amplas e com professores capacitados para a modalidade, está numa comunidade carente, num bairro periférico na cidade de Bayeux/PB.

Os sujeitos de pesquisa foram 08 (oito) com faixa etária entre 30 a 58 anos, sendo 04 homens e 04 mulheres, matriculados na modalidade EJA daquela escola. Foram feito um levantamento de dados, dos os alunos desistentes de 2016 e 2017 e que estavam matriculados no ano de 2018, com esses resultados, filtramos apenas os desistentes desses anos e obtivemos os que estavam matriculados em 2018.

A entrevista foi realizada no mês de abril do ano 2018, como instrumento de pesquisa, em anexo, contendo 05 questões com perguntas objetivas ao tema, a mesma se deu com os alunos da modalidade EJA dos ciclos I e II.

Em sua grande maioria vieram da roça e não teve acesso a escola quando criança e alguns deles estão tendo pela primeira vez a oportunidade de ler e escrever. Para os mesmos o importante é ler e escrever, pois não querem depender de outros, descrevem com clareza o interesse em ser alfabetizado, conseguir estabilidade financeira, concluir os estudos e dentre outros.

## 5. ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O S DOIS LADOS DA MOEDA

### 5.1 MEMÓRIAS SOBRE A ESCOLA AINDA NA INFÂNCIA

A primeira questão aqui tratada se refere ao tempo na escola quando criança, em que buscamos conhecer as memórias dos sujeitos<sup>4</sup> da EJA sobre a escola ainda quando crianças, momento em que a frequentaram inicialmente. A primeira categoria de análise identificada nas falas dos entrevistados foi a relação escola/trabalho como visualizaremos a seguirem:

Não estudei. Morava numa cidade, uma cidade que não era cidade, era sítio... conhece Pilões? Nasci e me criei lá. Trabalhava na enxada, me acordava de 05 da manhã até 11 horas, aí almoçava e depois voltava de novo, trabalhava até 05 horas da tarde. “o lápis era o cabo da enxada e a folha da enxada era o caderno” [...]. Não tive oportunidade de jeito nenhum... aí tinha aquele MOBREAL, aí minha mãe me botou, ainda fui duas vez mais chegava na sala ia durmi... dormia, não via nada [...]. Dora, 58 anos, 2 ciclo

Não estudei muito não [...] a gente morava em sítio [...] pouco de dificuldade , aí não estudei muito. Aí vim pra rua, aí preferi mais trabalhar do que estudar... agora que estou correndo atrás pra aprender mais alguma coisa.” Beto, 39 anos, 1 ciclo

[...] Meu primeiro trabalho foi em casa de família. Não liguei mais pra estudo. Não quis mais saber ... eu dizia que era tarde demais pra voltar pra escola. aí depois vi saber que é muito importante a gente saber ... fazer seu nome... ler alguma coisa... as vezes a gente que ir pra algum canto... pra pegar um ônibus...as vezes a gente pergunta, mas as pessoas informam errado... eu não Vânia, 40 anos, 1 ciclo

sei ler, mas sei pegar ônibus...não sei ler.” [...] meu pai não tinha condições de dá as coisas a gente... aí tive que trabalhar. Eu ficava em casa também ajudando a minha mãe. Estudei mas desisti... trabalhava como empregada domestica. Eu estudei algum tempo e parei pra trabalhar. Mas eu estou gostando muito... já sei assinar meu nome... que não sabia... eu sou uma pessoa assim, muito esforçada,quando quero um negocio...eu consigo.” Maria, 42 anos, 1 ciclo

“Não foi muito bom não... [...] fui pegar frete pra sobreviver...eu não estudei quando criança.” Vagner, 46 anos, 2 ciclo.

Eu tive muito pouco, morava no sertão e trabalhava, ajudava meu pai na roça... ai por isso não estudei muito... então tem a oportunidade da gente estudar, aprender alguma coisa, e a firma hoje em dia ta pedindo isso... ai

<sup>4</sup> Os nomes a serem utilizados serão fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa que são alunos da EJA de uma escola municipal do município de Bayeux/PB.

hoje em dia... também quero tirar minha carteira de motorista... por isso estou estudando para aprender. Chico, 46 anos, 1 ciclo

Segundo Dora, Beto, Vânia, Maria, Vagner e Chico frequentar a escola era um fato, porém, permanecer nela era inviável visto que seus pais não tinham condições de criá-los, então a forma mais imediata para resolução de seus problemas foi parar os estudos e ir trabalhar ainda criança para contribuir com a renda da família. Porém, quando adultos viram a necessidade de retornar aos estudos através da EJA, sobretudo, pela necessidade de escolarização para inserção no mundo do trabalho.

Sobre a relação trabalho e escola expressa pelos entrevistados, Lima, Oliveira e Paz (2015, p. 01) refletem que

Trabalho e educação são temas convergentes abrigando vários pontos de intersecção, ainda mais quando estamos nos referindo à EJA: “emprego”, “mercado profissional” e “qualificação” são os tópicos usualmente associados à EJA e presentes em seu currículo.

Mas, essas reflexões trazidas por Lima, Oliveira e Paz (2015) não refletem só o cotidiano da EJA, vislumbramos esse cenário já na infância desses sujeitos que foram retirados da escola por questões de sobrevivência e conseqüentemente, na vida adulta a pauta da relação trabalho e escola voltam a tona de maneira mais deliberada para pensar a necessidade da escolarização como forma de possibilitar o acesso ao mercado de trabalho.

Para estes sujeitos da EJA<sup>5</sup> além da necessidade de contribuir com a renda familiar, tinha também a questão do cansaço físico, a distância entre a escola e o local de moradia, entre outras questões se configuravam obstáculos ao processo formativo ainda quando crianças e por isso, originou a situação de evasão escolar.

Ainda sobre o tempo na escola quando criança, Renato (33 anos, aluno do ciclo I da EJA) expressou: “Eu só ia pra escola pra ficar brincando, conversando, aí perdi meu tempo de estudar [...]”.

As memórias de Renato sobre o tempo na escola quando criança remete a brincadeira e conversa, e mediante essa afirmação, a escola para ele não exercia naquele momento o significado de lugar de aprendizagem vinculado ao processo de escolarização.

Pelo contrário, a escola era para Renato o lugar apenas da descontração, onde exercia sua “liberdade” desvinculada do estabelecimento de regras, o que hoje na vida adulta o

---

<sup>5</sup> Dora, Beto, Vânia, Maria, Vagner e Chico.

referido aluno visualiza esse tempo passado como tendo sido uma perda que acabou por impossibilitar a conclusão de seus estudos na idade apropriada.

Diante do exposto por Renato observamos que a ausência de regras tem afetado as relações no espaço da escola quando encontramos alunos que nos horários de aula estão dispersos, conversando e brincando paralelamente, dificultando assim a mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem. Segundo La Taille, (1994, p. 24)

Alunos precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência da posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo.

Os limites na sala de aula se fazem necessários para que o aluno possa se adequar ao convívio harmônico e respeitoso com o professor e com seus pares (colegas de turma) e conseqüentemente para possibilitar a dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem.

Enquanto aluno ainda na infância, Renato reconhece que limitou seu tempo de estudo às brincadeiras na escola, muitos ainda repetem essa história seja porque não julga importante estar em sala de aula, seja porque a escola de fato não tem sido atrativa para atender o interesse dos alunos, entre outras tantas questões.

Porém, na fase jovem ou adulta as necessidades básicas de aprendizagem da leitura e da escrita se apresentam de forma intensa, pois o mercado de trabalho exige comprovação de escolarização, e isso, o próprio entrevistado cita quanto a importância da Educação de Jovens e Adultos.

Para Renato o tempo perdido trouxe conseqüências, pois ele hoje observa o quanto suas brincadeiras e desconcentração o prejudicaram no processo de escolarização na idade apropriada. Este fato se revela ainda nas histórias de crianças que frequentam hoje o ensino fundamental e que não atribuem importância a escolarização e as responsabilidades que estarão por vir quando necessitarem adentrar o mundo do trabalho e até mesmo para realizar o exercício de sua cidadania numa sociedade tecnológica e letrada.

A aluna Renata, 53 anos, matriculada no ciclo 2 da EJA, em sua fala descreveu o tempo na escola quando criança da seguinte forma:

No meu tempo as professoras era muito bom... as professoras faziam o dever no caderno, quando a gente não sabia, ela pegava na mão da gente,

pra gente aprender cobrindo ne...comecei a cobrir e depois fui aprendendo... me lembro que o primeiro nome que aprendi a ler foi “melancia”... eu era doida para aprender a ler... fui alfabetizada ainda quando criança... eu aprendi a ler mas tenho dificuldade para escrever alguma coisa... mas eu sei ler...aprendi.

Conforme a fala da aluna, seu tempo na escola remete a uma lembrança boa, ela descreve com detalhes como foi que aprendeu a ler, se recorda da primeira professora, diferente dos outros entrevistados, ela foi a única que se alfabetizou na idade certa, porém não conseguiu permanecer na escola para conclusão de seus estudos.

Ao verificar na fala de Renata a vivência do processo de alfabetização enquanto criança, vislumbramos a descrição da trajetória de aquisição do código da escrita, mas Segundo Freire (1991, p.68) “o conceito de alfabetização [...] tem significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois enquanto prática discursiva, ‘possibilita uma leitura crítica da realidade’”.

Tal descrição de Renata adquire sentido e significado atribuídos a alfabetização ao revelar os procedimentos da professora quando pegava em sua mão para cobrir as letras, quando aprendeu a ler o nome de uma fruta, e nessa descrição estava presente o desejo pela aquisição da leitura conforme seu depoimento.

Trabalhar através da técnica de entrevista as narrativas dos sujeitos da EJA sobre suas memórias do processo de escolarização, relembrando o tempo de escola, estimulando-os a pensar os acontecimentos que marcaram as suas desistências ainda enquanto crianças nos faz refletir conforme Barcelos (2010 p.56) citado por Fortunato (2010, p. 282), que:

Escutar as histórias dos educandos é uma possibilidade muito rica na perspectiva de ampliar nosso repertório de informações sobre a forma como as pessoas buscam entender o mundo em que vivem, bem como para nos aproximar do sentido que essas pessoas atribuem ao que lhes acontece.

Segundo Renata o tempo interrompido durante seu processo de escolarização, se renova para reescrever um novo fim quando observa perspectiva de melhorias, e visualiza na EJA essa chance de recomeço.

Nas categorias aqui analisadas percebemos como o percurso dos sujeitos da EJA se delineou considerando suas histórias de vida, abarcadas pelas condições precárias de sobrevivência, necessidade de inserção no mundo do trabalho antes da idade adulta, enfim, diversos fatores que contribuíram para quês estes se retirassem da escola.

## 5.2 ANOS QUE OS ENTREVISTADOS JÁ ESTUDAM NA EJA

Nessa segunda questão buscamos traçar um recorte de tempo de estudo dos alunos na modalidade EJA para então verificar a partir desse dado, o acesso a esses sujeitos para realização das entrevistas e os motivos que os levaram a se retirarem mais uma vez da escola agora na idade adulta.

Desisti em 2015 e 2016 [...]. (Dora, 58 anos, ciclo 2).

Eu já estudei umas duas vezes, aí desisti... aí comecei o ano passado (2017), aí fui até o final... só que não passei não... a professora que não passou [...]. (Beto, 39 anos, ciclo 1).

Eu comecei o ano passado (2017). (Vânia, 40 anos, ciclo 1).

Já estudei uns dois anos... não sabia nem ler e nem escrever... e hoje eu estou aprendendo. (Maria, 42 anos, ciclo 1).

Na EJA faz três anos. (Renata, 53 anos, ciclo 2).

Faz quatro anos, tudo que eu estudei foi esses quatro anos. (Vagner, 46 anos, ciclo 2).

Já faz um bom tempo já [...] mas ainda estou na mesma série. (Renato, 33 anos, ciclo 1).

Vim o ano passado e esse ano [...] aí desisti [...] aí não terminei o ano passado porque estava fazendo horas extras, mas esse ano se Deus quiser vou terminar. (Chico, 46 anos, ciclo 1).

O tempo de estudo na modalidade EJA para esses alunos é marcado por saídas e retornos frequentes à escola, e nestas falas se destaca a aluna Maria que descrevendo sobre sua aprendizagem relata que está aprendendo a ler e escrever.

Já Renato destaca que está na mesma série há um bom tempo, e este fato não parece incomodá-lo, pelo contrário, pode ser a motivação para retornar aos estudos.

Entretanto, o aluno Chico no decorrer de dois anos (2017 e agora 2018) na EJA por conta do trabalho fala que desistiu, mas, pretende concluir seus estudos.

É perfil dessa modalidade de ensino a pluralidade desses alunos com relação, ao tempo na escola, com o insucesso da aprendizagem, pois o que eles buscam na escola é saber ler e escrever, isto é, julgam importante, entretanto, quando essa tentativa é frustrada, alguns

se sentem desmotivados. Segundo Bernadim (2006, p. 99), citando o documento do CEEBJA<sup>6</sup>

Uma das principais características do aluno EJA é sua baixa auto-estima, reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou seja, a sua eventual passagem pela escola muitas vezes marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Já que seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASIL, 2006, p. 19).

Os alunos participantes da pesquisa demonstram estarem em busca de recomeçar e veem na modalidade EJA a oportunidade, entretanto, as dificuldades do cotidiano que se referem a conciliar estudo, trabalho, família, entre outros se reforçam, e contribuem também para essa desistência frequente do processo de escolarização.

### 5.3 A IMPORTÂNCIA DE TER A OPORTUNIDADE DE ESTAR EM SALA NOVAMENTE

Nesta seção vamos tratar da importância que os alunos entrevistados de uma Escola Municipal em Bayeux/PB da modalidade EJA atribuem ao ter a oportunidade de retornar aos estudos. Trataremos de apresentar os anseios desses alunos, como é para eles depois de tanto tempo voltar a estudar.

Para Dora, 58 anos, aluna do ciclo 1, a importância de retornar a sala de aula se deu pela necessidade de sair de casa, ter mais distração conforme seu depoimento:

A oportunidade é que pelo menos eu sai de dentro de casa, vejo mais gente mais diferente, para não está dentro de casa vendo a mesma coisa e pra mim ver se aprendo alguma coisa... só que não sei ler mesmo... Meu nome eu sei escrever, aprendi todas as letras, leio algumas palavras que não sabia de nada, nem uma placa de ônibus sabia... perguntava... agora não ... eu sei para o ônibus vai, pra onde não vai... eu olho direitinho. Vou fazer umas compras, to vendo ali os preços dos produtos, não vou perguntar a ninguém... eu tinha que perguntar porque eu não conhecia... mas agora eu já conheço.

---

<sup>6</sup> O CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos de Mandaguáçu – iniciou suas atividades em 24/02/1997.

A aluna fala sobre a oportunidade conhecer novas pessoas, de aprender para ter independência, e se orgulha ao falar da importância de ir fazer as compras e saber o preço dos produtos.

A aprendizagem para a vida com a finalidade de mobilizar conhecimentos e sua aplicação nas experiências do cotidiano revela segundo Dora desejo de independência, escola enquanto lugar de aprendizagem, prazer e socialização. Para Vygotsky (2008, p. 103) “O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”.

O aprendizado de Dora é significativo porque a mesma expressou o que mudou na sua vida depois que aprendeu a ler, pois dependia dos outros e hoje consegue saber resolver sozinha as situações que se apresentam cotidianamente, ou seja, sente-se independente.

Entretanto Beto e Chico expressaram a importância do retorno à sala de aula relacionada com a modernização do país, das exigências das empresas em empregar pessoas que são formados e se preocupam, pois se não aprenderem a ler e escreverem não acompanharão o desenvolvimento da modernidade, e somado a esse fato valorizam também o desenvolvimento pessoal.

a importância que dá [...] é que a gente tem que aprender [...] hoje em dia é tudo modernizado e a gente tem que aprender alguma coisa pra melhorar mais... vai ficar pra trás [...] principalmente a gente que trabalha... aí pra mim é importante, por isso to correndo atrás. (Beto, 39 anos, ciclo 1).

Que é bom aprender, aprender a leitura... hoje em dia as empresas pedem... e aonde a gente vai atrás de emprego tem que ter estudos, se não vai pra frente [...]. (Chico, 46 anos, ciclo 1).

Preocupados com o desenvolvimento voltado ao mundo do trabalho, os mesmos remetem a oportunidade de estar na EJA como a forma de acompanhar esse processo, por afetar diretamente as posições/cargos a serem assumidos profissionalmente e que Kuenzer (1985, p.?) esclarece:

Em sua concepção geral, o trabalho é o processo através do qual o homem transforma a natureza, os outros homens e a si mesmo, tendo em vista construir as condições necessárias à sua sobrevivência, não apenas como indivíduo, mas também como humanidade.

O trabalho rege o homem e este precisa acompanhar o desenvolvimento, Beto e Chico expressam esse fato em suas falas, vinculando a relação educação e trabalho. No entanto, Moura (1999, p.102) escreve que

[...] quando escolarizados, os indivíduos apresentariam uma possibilidade de pensamento descontextualizado, abstraído de experiências pessoais e da realidade concreta e imediata, diferentemente dos indivíduos membros de grupos culturais pouco ou não-escolarizados, cujos modos de funcionamento intelectual apresentar-se-iam presos à realidade vivenciada, concreta e imediata.

Diante disso, os alunos Beto e Chico refletem essa assertiva de Moura (1999) quando apresentam suas realidades vinculadas as necessidades imediatas do estudo enquanto subsídio para acessar ou lutar por um lugar melhor no mundo do trabalho com todo seu aparato de modernização, observando a importância que tem o processo de escolarização para se encaixar de maneira mais satisfatória nas posições/cargos profissionais.

As falas de Beto e Chico destacam a relevância que tem a educação como base para acompanhar o processo de modernização do mundo do trabalho que tem se sofisticado quase que diariamente se refletindo também nas condições de empregabilidade.

Ainda analisando os dados sobre a importância que os alunos da EJA atribuem ao retorno a escola, observamos os posicionamentos das alunas Vânia e Maria a seguirem:

Eu estou aprendendo e acho importante a gente saber e não passar vergonha [...] eu não sei escrever nem ler, mas tenho whatsapp, facebook, mensseger [...] sou evangélica e quero aprender a ler um pouco da bíblia [...] (Vânia, 40 anos, ciclo 1).

Pra mim é muito importante saber ler, deixar de ocupar os outros [...] eu quero aprender a ler [...] quero aprender ler a bíblia e é muito ruim você depender dos outros [...] tem saber assinar o nome. (Maria, 42 anos, ciclo 1).

Essas alunas expressam sobre a relevância de ter a oportunidade de estudar para executar tarefas diárias que estão também relacionadas com seu convívio social e carregam consigo o desejo de aprender a ler e escrever, seja para manusear as escrituras sagradas ou mesmo para se mobilizar melhor nas redes sociais utilizando as ferramentas tecnológicas. Ambas destacam a importância de aprender a ler para realizar leituras da bíblia, conseqüentemente para ampliar seus conhecimentos religiosos. Sobre o desejo de ampliar o conhecimento, Pinto (2007, p. 92) expressa que:

[...] aumentar o conhecimento é o que faz com que os jovens e adultos [...] ingressem em turmas da EJA oferecidas pelas escolas ou comunidades que desenvolve projetos de alfabetização, nesta fase da vida ser alfabetizado depende de muita força de vontade e motivação.

Propiciar a essas pessoas a realização de seu desejo de aprender a ler e escrever, nos remete a um sentimento impar, pois para Vânia o fato de conseguir acessar whatsapp ou facebook mesmo sem dominar a língua escrita e a leitura se sente gratificada. Ao passo que estas necessidades básicas de aprendizagem (leitura e escrita) forem atendidas mais ainda se sentirá realizada em sua dignidade como aluna e pessoa.

O desejo de Maria sobre a aquisição da leitura e da escrita repercute na sua independência para acessar a bíblia e assinar o seu próprio nome, já que segundo ela “[...] é muito ruim você depender dos outros [...]”.

Portanto, verificamos nos depoimentos que retornar aos estudos na vida adulta é resultado da motivação desses indivíduos que são considerados excluídos por parte da sociedade, e enxergam na Educação de Jovens e Adultos a maneira de reescrever uma nova página de vida, dando-lhes segurança e esperança.

Os alunos Renata e Vagner em suas falas expressaram que:

A importância maior é que já tem é voltar a ser criança e tentar [...] e tentar ser o melhor. O que a gente já conseguiu, ta consertado, agora é tentar [...]. (Vagner, 46 anos, ciclo 2).

É uma importância muito grande. Foi uma coisa que depois que cai na real [...] foi que eu vi que o tempo que perdi meus estudos. Me arrependi muito. (Renata, 53 anos, ciclo 2).

Nestas falas destacamos a referência ao tempo que ambos julgam ter perdido quando estavam fora da escola, e agora falam da importância de voltar a sala de aula para recomeçar. A modalidade EJA proporciona aos educandos uma maneira de recomeçar a vida enquanto sujeito escolar, já que suas histórias de vida fizeram com que se retirassem ou fossem retirados do ambiente escolar quando criança.

Para Renato, 33 anos, aluno do ciclo 1 sobre a importância de voltar a escola, agora na EJA tem sido a motivação “[...] de aprender, saber ler, tirar a carteira de habilitação [...] escrever [...] e não passar feio”, ou seja, estar na EJA representa para ele a possibilidade de atingir seus objetivos para se mobilizar nessa sociedade letrada.

Um dos grandes desafios da modalidade EJA é inserir o cidadão analfabeto numa sociedade que é preconceituosa e exclui o indivíduo que não teve a mesma igualdade de oportunidade que outros sujeitos. Porém, Fonseca (2007, p. 14) ou Moura (1999, p.199) destacam que

[...] como ser portador e produtor de cultura, como um ser de relações socioculturais possibilitadas pelo trabalho, pela ação, o que significa práxis, leva-os a conceberem o adulto analfabeto como um sujeito inteligente, capaz, dotado de experiências que necessitam de uma intervenção de instituições culturais que os possibilitem desenvolver suas potencialidades latentes.

Nesse contexto, a escola é a instituição cultural destinada a desenvolver as potencialidades dos jovens e adultos. Para tanto, é preciso possibilitar a essas pessoas estímulos para prosseguirem, já que outrora não foi possível, pois eles têm desejos de concluir seus estudos, mas tem dificuldades no dia a dia. O aluno Renato frisa que quer concluir para “não passar feio”, ou seja, se sente de alguma maneira inferiorizado por não saber ler e escrever.

As potencialidades dos alunos da EJA devem ser alvo da orientação pedagógica dos professores para repensarem as práticas a serem delineadas no espaço da sala de aula, de modo que possam atender as necessidades básicas de aprendizagem da leitura e da escrita destes sujeitos sem infantilizarem as metodologias de ensino, práticas (infantilização) infelizmente tão corriqueiras quando se trata de alfabetização de jovens e adultos.

#### 5.4 OS PLANOS PARA QUANDO CONCLUIR OS ESTUDOS NA EJA

Nesta seção vamos conhecer os planos que os alunos entrevistados expressaram para quando concluírem seus estudos na modalidade EJA. Com a palavra, os alunos:

Eu quero fazer um curso como manicure [...] que eu já fiz [...] fazer algum curso, alguma coisa. (Maria, 42 anos, ciclo 1)

Eu espero coisas melhores... espero...não vou desistir. (Vânia, 40 anos, ciclo 1).

[...] meu sonho terminar meus estudos e entrar na faculdade pra fazer um curso de medicina... queria muito! Acho muito bonito a pessoa que trabalha na sala de um medico [...]. (Renata, 53 anos, ciclo 2).

[...] eu tenho desejo de aprender/estudar hebraico... porque eu sou pastor e por ser pastor eu tenho que aprender [...] como dá santa ceia... aprender

muitas coisas... quero aprender a ler a bíblia, pra pregar [...] (Vagner, 46 anos, ciclo 2).

Me formar ne [...] até agora não pensei [...] só quando terminar meus estudos aí vou pensar. (Renato, 33 anos, ciclo 1).

Fazer um curso, procurar uma melhora... porque eu sou servente de pedreiro pelo menos um curso de vigilante... coisa mais melhor pra pessoa...” Chico, 46 anos, 1 ciclo.

A continuidade dos estudos como plano para o futuro após a EJA é o que observamos nas falas dos alunos, referindo-se aí ao ingresso em curso profissionalizante de manicure como foi o caso da aluna Maria; mudança de profissão como bem expressou o aluno Chico quando falou que pretende fazer curso de vigilante, pois, atualmente sua profissão é de pedreiro; estudo de uma língua estrangeira a exemplo da língua hebraica, já que o ofício de pastor do aluno Vagner requer algum diferencial na prática religiosa; ingresso em cursos de graduação é o desejo dos alunos Renata (graduação em medicina) e Renato (quer se formar mas, ainda não pensou no curso que quer fazer); e por fim, a aluna Vânia que afirmou “esperar coisas melhores”, porém, não descreveu o que seriam essas “coisas”.

Os alunos se deleitam ao falar do sonho de concluir seus estudos, ou seja, eles têm interesse em avançar no processo de escolarização, porém algumas condições não cooperam já nesse processo de conclusão dos estudos na EJA.

Para Andrade (2014, p. 03), muitos desses alunos trabalhadores têm sonhos, entretanto, sua condições de estudo não são favoráveis pois, “[...] na maioria das ocasiões, o período dentro da sala de aula é o único tempo que tem para estudar [...]” e o cotidiano é um fator intrínseco e os mesmos se sentem distantes até mesmo de chegar a conclusão dos estudos.

Entretanto, falam sobre seus desejos de concluírem, a falta de oportunidades que eles não tiveram na idade apropriada, e desde muito jovem começaram a trabalhar. O trabalho os manteve excluídos das oportunidades de escolarização, de cursar uma faculdade e dentre outros anseios que os mesmos se referem. Sobre a exclusão Martins (1997, p.18) define que:

[...] é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação: privação de emprego, privação de bem-estar, privação de direito, privação de liberdade, privação de esperança.

Essa exclusão em muitos desses indivíduos revela a certeza das privações que enfrentaram no decorrer de suas trajetórias a exemplo da aluna Dora, 58 anos, ciclo 1 que ao

falar de planos após a conclusão dos estudos na EJA limitando-se a idade como fator para não vislumbrar algo para o futuro como podemos observar: “meus planos [...] eu já to ficando velha já rrsrrs [...]”. Ou seja, para ela o tempo já passou, não mais é de ter oportunidades, ficando um sentimento de desmotivação para a conquista de outros sonhos. Sobre essa importância dos sonhos Freire (2001, p. 13) afirma:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma boa conotação da forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se [...] não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança [...]

É do ser humano o desejo de mudança e o sonhar é necessário para nos proporcionar a motivação, para permitir alcançar novos horizontes, sendo, portanto, o combustível de vida de todo indivíduo. Nesse sentido, o aluno Beto, 39 anos, ciclo 1 expressa a motivação para alcançar um outro horizonte conforme seu depoimento:

tenho que fazer concurso público. Porque o emprego da gente [...] é hoje mas amanhã não é [...] a qualquer dia ta desempregado, aí eu conseguir terminar os estudos [...] e um dia fazer um concurso eu sei que estou assegurado pra minha família por resto da vida [...] né.

O plano de futuro após conclusão dos estudos na EJA para Beto lança-o a um desafio que é o de enfrentar um concurso público, seu desejo é garantir a estabilidade financeira para ele e sua família. Sendo assim, o caminho para atingir tal finalidade se vislumbra por meio do processo de escolarização, pois a escola pode adquirir diversos significados e entre eles, destacam-se “o lugar onde se aumentam os conhecimentos; o lugar onde se tira um diploma e que possibilita passar em concursos. Diferentes significados para um mesmo território, certamente irão influir no comportamento dos alunos [...]” (DAYRELL, 1996, p.144)

O fato de estar na escola representa para Beto oportunidade de melhoria de vida, pois só através da educação se alcançam objetivos, o mesmo ressalta a importância de concluir os estudos na modalidade EJA e dar continuidade para uma ter uma vida melhor e assegurada com uma possível aprovação em concurso público. Ou seja, visualiza na escola a possibilidade de ascensão social.

Na fala de Beto visualizamos os sentimentos de recomeço e perseverança para prosseguir seus estudos, estabelecendo objetivos a serem alcançados mesmo diante de obstáculos implantados pelo cotidiano.

## 5.5 SOBRE A DESISTÊNCIA DA EJA NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS (2016 E 2017) E O RETORNO A ESCOLA EM 2018

Destacaremos agora os motivos que levaram os alunos participantes da pesquisa a desistência do processo de escolarização e em seguida, seu retorno a escola. Para esse primeiro bloco de análise temos a fala da aluna Dora, 58 anos, ciclo 2: “Eu voltei porque eu queria muito voltar pra sala de aula [...] pra conhecer mais pessoas, sair de dentro de casa [...]”.

A aluna Dora expressa o retorno a escola, pelo desejo de conhecer novas pessoas e se distrair saindo de casa. O que podemos observar nesta fala é o significado que a escola tem enquanto lugar “[...] de encontrar e conviver com os amigos. [...] Diferentes significados para um mesmo território, certamente irão influir no comportamento dos alunos, no cotidiano escolar, bem como nas relações que vão privilegiar”. (DAYRELL, 1996, p.144)

Por certo, as relações que Dora mantém com os colegas de sala atendem as suas necessidades de se sentir acolhida, de ampliar o círculo de amizades e a escola funciona como um espaço de convívio diferenciado do ambiente familiar que possibilita também condição de bem estar.

Na EJA, os jovens e adultos fruto de uma cultura excludente, percebem o espaço escolar para além da relação ensino e aprendizagem comumente pautada na transmissão de conteúdos, e o retorno à escola ressignifica os próprios processos de alfabetização e de escolarização, bem como sua motivação e autoestima. Possibilita aos educandos confrontarem o sentimento de exclusão da escola ainda na infância com a oportunidade de serem alfabetizados agora quando adultos, pois

A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (COLEÇÃO TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, VOL. 1, 2006, p. 16)

Por outro lado, o aluno Beto, 39 anos, ciclo 1, expressa que o motivo que o levou a desistir em anos anteriores foi o cansaço do dia a dia, pois não é fácil conciliar trabalho e escola conforme seu depoimento.

[...] o que fez eu desistir foi o cansaço mesmo [...] ah vou não [...] não aprendi nada até agora [...] vou aprender mais o que? mas depois a pessoa

ver que se eu tivesse continuado, eu tava [...] estudei e desisti, mas se eu tivesse continuado de três a quatro anos parado sem estudar, eu já tinha adiantado muita coisa [...] perdi muito tempo.

Essa relação trabalho e escola é um dos principais motivos que levam os alunos dessa modalidade a desistência dos estudos, já verificamos esse fato na própria história deles de escolarização na infância e agora essa história infelizmente se repete. E o retorno a sala de aula também não é fácil como ressaltam Lima, Oliveira e Paz (2015, p. 02):

[...] O fato é que retornar à escola após anos fora dela ou depois de sequenciadas reprovações é um ato marcante e nem sempre fácil para quem decide prosseguir sua vida escolar, pois, não raramente, discentes nessa situação são levados a se acharem "incapazes", "atrasados" — pelos próprios rótulos que a sociedade impõe aos não letrados.

Entretanto, na fala de Beto, esse tempo distante da escola representou uma perda de tempo que reflete também a sua condição de aprendizagem marcada por dificuldades quanto a não assimilação daquilo que lhe foi ensinado.

De outro lado, reconhece que se tivesse persistido mesmo diante da dificuldade de aprendizagem teria avançado em termos de escolarização uns quatro anos, conforme sua fala: “[...] estudei e desisti, mas, se eu tivesse continuado de três a quatro anos parado sem estudar, eu já tinha adiantado muita coisa [...] perdi muito tempo”.

O fato desses alunos voltarem à sala de aula depois de anos de desistência é um motivo para que professores sensibilizados com as histórias de vida desses sujeitos possam incentivá-los, pois carregam consigo as marcas de exclusão ou fracasso escolar por não terem concluído os estudos na idade apropriada ou mesmo na idade adulta.

As alunas Vânia e Maria que os motivos de desistência foram a reprovação e ausência da professora na escola respectivamente, conforme revelam suas falas.

Eu desisti nas provas [...] passei um tempo em casa [...] aí chegou uma professora boa, aí fiquei na escola. Eu desisti porque não fiz as provas. Aí decidi a me matricular de novo e estou disposta a terminar. (Vânia, 40 anos, ciclo 1).

Porque a professora que não vinha ensinar [...] eu fiz a matrícula e ela não veio ensinar. (Maria, 42 anos, ciclo 1).

Nas falas de Vânia e Maria, a importância do profissional da educação, neste caso, o professor é um elemento central a ser apreciado no que diz respeito ao incentivo ou a falta deste aos alunos.

Especificamente para Vânia, a chegada de “uma boa professora” funcionou como incentivo para seu retorno e permanência na escola, pretendendo assim continuar seus estudos.

Observamos já na fala de Maria que a ausência da professora foi um fator que a fez desistir, uma vez que fez a matrícula, mas, não tinha a professora para ensinar.

Pelas falas de Vânia e Maria percebemos que o profissional professor influencia na permanência dos alunos na EJA porque estes trazem em suas histórias de vida e escolarização marcas de falta de estímulos, e o fazer pedagógico são também fatores importantes no processo de retorno dos alunos à escola.

Sobre a importância do profissional professor da EJA Viana, Sanches e Miranda (2011, p. 01) descrevem que

O perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso do aluno que vê o professor como um modelo a seguir. Dentre as atribuições do professor está o compromisso em mostrar que a EJA é uma educação possível e capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, permitindo a esta reescrever sua história e, também, compreender melhor o aluno e sua realidade diária, acreditando nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional.

O professor é o mediador para esses alunos, e o mesmo deve incentivar e mostrar que são capazes, que a modalidade da EJA é uma oportunidade de resgatar o tempo perdido e se disponibilizando para ajudá-los. O processo de inclusão desses alunos só é possível com a participação do professor, pois é a partir deste profissional que se faz a diferença e cresce o número daqueles que consegue concluir seus estudos e até ingressar num curso superior.

Percebemos que a modalidade da EJA sofre com a frequente evasão escolar por conta de alunos trabalhadores que não contam com flexibilidade de horário para estudo, alunas donas de casa que se matriculam apenas para se distrair como aqui já foi frisado.

No entanto, a aluna Renata, 53 anos, ciclo 2, apresenta como motivos de desistência, cuidado com o filho, doença e distância da escola como relata:

O que levou desistir é porque tenho problema de asma... ai tem dia que amanheço cansada ai não tenho coragem e nem vontade de vim por causa da doença, entendeu? [...] mas, tenho muita vontade de terminar meus estudos. E desisti o ano passado porque tive que cuidar do filho e ai ficava muito cansado pra mim [...] ai desisti com pena, eu moro muito longe.

Esses fatores influenciam na desistência, uma vez que as condições não lhe proporcionam um incentivo para mantê-los na escola. A referida aluna relata a distância da escola como um dos motivos da desistência. A oferta nesta modalidade é garantida, entretanto, não dá pra atender a cada um de maneira especial, ou seja, vai ter alunos evadidos devido a vários fatores e entre estes, se encontra também a dificuldade de frequentarem a escola por conta da localização geográfica residência/escola.

Ainda tratando dos motivos que levaram os alunos da EJA desistirem e retornarem a escola, temos os relatos dos alunos abaixo:

[...] não ligava pra os estudos, só ligava pra conversar, brincar e perdendo tempo. Agora estou precisando né? [...] mas daqui pra frente vou vencer. (Renato, 33 anos, ciclo 1)

Porque eu não sabia que estava ensinando, aí procurei saber e disseram que estava ensinando aqui [...] aí me matriculei pra aprender. (Chico, 46 anos, ciclo 1)

[...] tudo [...] eu tinha um sonho de ser pastor [...] e hoje eu sou pastor, mesmo sendo analfabeto. (Vagner, 46 anos, ciclo 2)

Os perfis dos alunos EJA são diversos e os motivos que os levam a desistir também. É justificável os números de evasão, são grande as dificuldades que levam esses alunos a se desestimularem, e também nesse contexto tem o papel do professor e o das políticas de acesso a educação, conforme apontam Viana, Sanches e Miranda (2011, p. 01)

Sabemos que a modalidade da EJA tem as suas especificidades. Portanto, os profissionais da Educação de Jovens e Adultos podem representar um importante avanço nas políticas de acesso e permanência dessa modalidade de ensino, pois ela pode representar o elo entre as políticas e uma possível efetivação destas na prática pedagógica do professor.

Em destaque os alunos apontaram questões relacionadas ao acesso e permanência em sala de aula, considerando o meio social em que vivem, as dificuldades de aprendizagens, como também o repensar da prática do professor em sala de aula.

Portanto, um dos fatores que também contribuem para a desmotivação e a não permanência tem a ver com a maneira em que as aulas são aplicadas, como os professores lidam com esses alunos, a maneira como ensina, todos esses fatores são importantes, pois os alunos observam.

O aluno da EJA é o sujeito que desiste da escola por diversos motivos, como a exclusão e a isso se soma, a própria estrutura de política pública de educação que não favorece essa permanência na escola.

Considerando que o acesso e permanência na EJA é um Direito para além da oportunidade, portanto, a oportunidade dos alunos EJA reflete que o acesso e permanência devem comungar de objetivos que proporcionem a eficácia da oferta na modalidade, como: oportunidades igualitárias, mais flexibilidade de horários, oferecer horário diurno para aqueles sujeitos que tem outras jornadas de trabalho e etc.

Enfim, os alunos EJA não devem ser tratados como excluídos, mas como sujeitos que querem novas oportunidades e a escola é a base para reescrever essa fase da vida que o tempo “apagou”, melhorando assim a auto estima desses indivíduos, pois com a educação escolar não se sentem mais excluídos da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi de suma importância para minha formação acadêmica, pois proporcionou uma experiência ímpar, onde no decorrer da pesquisa pude contemplar as experiências ricas de vida, com pessoas que tiveram seus sonhos interrompidos durante a infância, e essa oportunidade enriqueceu meus escritos conclusivos.

Portanto, surgiu a oportunidade de amadurecer a ideia, indo em busca da fundamentação teórica, que tive como base o artigo de Jaqueline Ventura (2000), onde a mesma faz um breve aparato sobre a história da EJA, suas políticas públicas, campanhas para erradicar o analfabetismo e dentre outros.

Busquei também artigos que se debruçasse sobre a temática e tive acesso aos artigos dos autores Ens e Ribas (2012), as mesmas refletem sobre o acesso e permanência e o que se tem feito para garantir que o acesso seja permanente. Tanto Ventura (2000) e quanto Ens e Ribas (2012) me proporcionaram um embasamento teórico enriquecido para fundamentar minha pesquisa.

A experiência foi relevante, considerando os relatos obtidos, o que levaram esses alunos a desistirem da escola ainda criança, o que provocou a inquietação, enquanto pesquisadora, pois em sua maioria o motivo pelo qual os alunos da EJA desistiram foi o trabalho, pois tiveram que começar desde cedo a trabalhar para ajudar a renda familiar, abandonando assim seus estudos.

Podemos considerar que a Evasão na EJA é cíclica pelo o motivo dos alunos terem acesso garantido, e sua permanência não ser assegurada em virtude das próprias motivações, condições de trabalho, relação familiar, saúde e dentre outros.

Ao serem questionados sobre o retorno, quase unanimemente manifestaram, o desejo de reescrever um novo fim, ter uma nova chance de aprender a ler e escrever, outros para garantir o acesso ao mercado de trabalho, considerando cada vez mais concorrido e dentre outros.

Os resultados apresentado durante a análise, podemos contemplar o quanto esses alunos, mesmo com todas as dificuldades apresentadas, ainda têm sonhos. Sonhos esses que remetem a conclusão dos estudos e ingressar na formação superior, fazer cursos de profissionalização, aprender outros idiomas e dentre outros.

Estar participando dessa pesquisa, entrevistando essas pessoas foi desafiador, levando em consideração a insegurança e falta de experiência para lidar com a situação, mas durante

as entrevistas, pude passar seguranças para eles, pois todos foram muito tímidos, porém expliquei do que se tratava a entrevista e solicitei para ficar a vontade nas suas respostas.

Considero a experiência relevante, pois me proporcionou novos conhecimentos, pois estar diretamente com os indivíduos de pesquisa, ouvindo suas experiências, como também anseios, sonhos e dentre outros relatos, respondeu as minhas inquietações enquanto pesquisadora.

Enfim, o trabalho de pesquisa respondeu as questões apresentadas no que se refere a acesso e permanência no que contempla a Educação de Jovens e Adultos, concluindo que esse acesso e permanência é essencial para a formação desses indivíduos e os proporcionam a inserção na sociedade, como sujeitos alfabetizados e não dependentes, pois sabem ler e escrever.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDRADE. Neuza Quitéria. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Revista Eventos Pedagógicos. Mato Grosso, v. 6, n.2, (15 ed), p. 190-199, Jun/Jul. 2015.

BERNARDIM, M. L. Da escolaridade tardia à educação necessária: estudo das contradições na EJA em Guarapuava-Pr. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

BRASIL. Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA: Caderno 1. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf). Acesso em 10/05/18.

BRITTO JUNIOR. Prof. Álvaro Francisco. FERES JUNIOR. Prof. Nazir. A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICA DA ENTREVISTA EM TRABALHOS CIENTIFICOS. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200/186>. Acessado em, 21/04/2018, às 15:30 hrs.

COELHO, L. R. (Re)Configurando e analisando o mobral em Patos de Minas/MG. (1970-1980). 2011. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo01/Leni%20Rodrigues%20Coelho%20-%20Texto.pdf>. Acesso em 15/05/2018.

COLEÇÃO TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – ALUNOS E ALUNAS DA EJA. Brasília: SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 14 maio. 2018. 5v.

Currículo sem Fronteiras, v. 14, n. 1, p. 137-150, jan./abr. 2014/ EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A RELAÇÃO TRABALHO/EDUCAÇÃO NO TRABALHO DE EDUCAÇÃO POPULAR/ Rita de Cássia Fraga Machado Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Brasil Conceição Paludo Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Brasil.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez(Org.). Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DUARTE. Cláudia Costa. ESTRATÉGIAS PARA EFETIVAÇÃO DO ACESSO E PERMANENCIA DE JOVENS E ADULTOS NUMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO MUNICIPIO DE JOÃO PESSOA. Revista Lugares de Educação (RLE). Bananeiras-PB, v.7, n. 14, p. 48-56, Jan/Jul. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/viewFile/32485/pdf>. Acessado em, 14/03/2018, às 20:15 hrs.

ENS. Romilda Teodora. RIBAS. Marciele Stiegler. IX ANPED SUL- SEMINARIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL 2012. Paraná/PR

FORTUNATO I. Educação de jovens e adultos. REU. Sorocaba: São Paulo, v. 36, n. 3. P. 281-283, dez 2010.

FONSECA, M. C. F. R. Educação Matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

FREIRE, Ana Maria. A. (Org) Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: UNESP, 2001.

GADOTTI, M. Paulo Freire: Uma biobibliografia (online). São Paulo: Cortez, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa/Antonio Carlos Gil. -4.ed.-8. reimpr.- São Paulo: Atlas, 2006.

GODOY. Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA, Tipos Fundamentais. RAE ARTIGOS (Revista de Administração de Empresas). São Paulo, v. 35, n3, p. 20-29. Mai/Jun.1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3> . Acessado em, 07/06/2018, às 13:13 hrs.

LA TAILLE, Y. Autoridade e limite. Jornal da Escola da Vila, São Paulo, 1994, p. 24-28.

LIMA. Edivânia Maria Barros. OLIVEIRA. Nilton de. PAZ. Vladson Santos da. Grupo de Trabalho- Educação de Jovens e Adultos. FORMAÇÃO DE PROFESSORES, COMPLEXIDADE E TRABALHO DOCENTE. EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação. Bahia, PUCPR 26 a 29/10/2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

KUENZER, A. 1985. Pedagogia da Fábrica. São Paulo: Cortez.

Metodologia de estudos e pesquisas em educação III/Analisando os dados na pesquisa qualitativa/ Prof<sup>ª</sup> MSc. Roberta Chiesa Bartelmebs.

MOURA, Mayra Patrícia. A organização conceitual em adultos pouco escolarizados. In: OLIVEIRA, Marcos Barbosa de; OLIVEIRA, Marta Kohl de (Orgs.). Investigações cognitivas: conceitos, linguagem e cultura. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 101-113.

MOURA, T. M. M. A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. EDUFAL, 1999.

PALUDO, C.; MACHADO, R.C.F.; GRITTI, S. Desafios para o Movimento dos Trabalhadores Desempregados na relação trabalho-educação. Revista Universidade e Sociedade, 50<sup>a</sup>, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. São Paulo: Editores Autores Associados: Cortez Editor, 1982.

VENTURA, J. P. Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos. Disponível: [www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm](http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm). Acesso em 20 de novembro de 2012. WANDERLEY, L. E. W. Educação popular: metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

VIANA. Maria Sanches. SANCHES. Jaqueline de Sá Rampazzo e MIRANDA. Rosângela da Silva Miranda. A IDENTIDADE DO ALUNO E DO PROFESSOR EJA. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=2069>. Acessado em, 08/05/2018, às 21:15 hrs.

VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**APÊNCIDE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1- Fale sobre seu tempo na escola quando criança.
- 2- Quantos anos você já está estudando na EJA?
- 3- Para você qual a importância de ter a oportunidade de estar em sala de aula novamente?
- 4- Quais seus planos para quando concluir seus estudos na EJA?
- 5- O que levou você a desistir do ano letivo nos últimos dois anos (2016 e 2017) e voltar a se matricular no ano de 2018?

# **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar do Projeto de Pesquisa da aluna concluinte do Curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba sob a temática: **Do acesso garantido e não permanência na modalidade EJA. Um estudo de caso de uma escola municipal da cidade de Bayeux/PB.** Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O Projeto de pesquisa “ **Do acesso garantido e não permanência na modalidade EJA. Um estudo de caso de uma escola municipal da cidade de Bayeux/PB.**” terá como objetivo geral analisar os motivos que contribuíram para que Jovens e Adultos mesmo com o acesso garantido a essa modalidade não permanecem na escola.

Ao voluntário só caberá a autorização para participar da entrevista a ser realizada em momentos de planejamento na escola e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- A pesquisadora caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados através de relatório.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (83) 99625.4050 com a Professora Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com a pesquisadora, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

João Pessoa, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador responsável

---

Assinatura do Participante